

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANE KELM RAMOS

ENTRE O FILME E A AULA: CURADORIA EM E-BOOK DE FICHAS  
PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

CURITIBA

2025

JULIANE KELM RAMOS

ENTRE O FILME E A AULA: CURADORIA EM E-BOOK DE FICHAS PEDAGÓGICAS  
PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Especialização em Mídias na Educação, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elson Faxina

CURITIBA

2025

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mídias na Educação da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **JULIANE KELM RAMOS**, intitulada: **ENTRE O FILME E A AULA: CURADORIA EM E-BOOK DE FICHAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA.**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovada no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 12 de Novembro de 2025.



Documento assinado digitalmente  
**ELSON FAXINA**  
Data: 11/12/2025 12:35:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ELSON FAXINA

Presidente da Banca Examinadora

ANA CAROLINA DE ARAUJO SILVA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO F



Documento assinado digitalmente  
**ANA CAROLINA DE ARAUJO SILVA**  
Data: 11/12/2025 15:40:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## **Entre o Filme e a Aula: Curadoria em E-book de Fichas Pedagógicas para o Ensino de Sociologia**

Juliane Kelm Ramos

### **RESUMO**

O presente projeto constitui um desdobramento da dissertação *A Sociologia em Cena: Explorando o Letramento Audiovisual na Formação Continuada* (PROFSOCIO/UFPR, 2025), que investigou o uso do cinema no ensino de Sociologia e identificou, a partir de um questionário aplicado a professores da rede estadual do Paraná, uma demanda recorrente por indicações de filmes vinculados a temas curriculares. Embora frequente, essa prática tende a restringir o cinema a um recurso ilustrativo utilizado principalmente para exemplificar conteúdos, em um contexto marcado por sobrecarga de trabalho, ausência de incentivos institucionais e poucas oportunidades de atualização docente voltadas ao uso crítico do audiovisual. A dissertação buscou enfrentar essa lacuna com a criação de um curso assíncrono, dedicado ao aprimoramento do olhar e ao fortalecimento da autonomia pedagógica na mediação do cinema em sala de aula. Como continuidade desse percurso, o presente projeto tem como objetivo central desenvolver um e-book composto por curtas-metragens acessíveis, acompanhados de propostas pedagógicas que evidenciem elementos da linguagem cinematográfica e sua articulação com as Competências da BNCC (2018), contribuindo para ampliar repertórios e apoiar o trabalho dos professores de Sociologia. O material reúne seis curtas brasileiros contemporâneos, cada qual acompanhado de uma ficha curatorial pedagógica que integra dados técnicos, marcadores temáticos e sugestões abertas de mediação, incluindo ainda o link para o curso gravado, disponibilizado como recurso complementar.

Palavras-chave: Cinema na educação; sociologia; mídias na educação; letramento audiovisual; curadoria fílmica.

### **1 INTRODUÇÃO**

A ausência de uma abordagem sistemática sobre o uso de filmes como recurso pedagógico na formação continuada de professores de Sociologia, somada à escassez de materiais didáticos que articulem cinema e ensino de Ciências Sociais, evidencia uma lacuna significativa na prática escolar. Embora o audiovisual esteja presente no cotidiano dos estudantes e disponha de reconhecida potência formativa, sua exploração em sala de aula costuma restringir-se a práticas normativas, limitadas à exemplificação de conteúdos previamente definidos, o que reduz o cinema à condição de ilustração.

Este projeto constitui um desdobramento da dissertação *A Sociologia em Cena: Explorando o Letramento Audiovisual na Formação Continuada* (PROFSOCIO/UFPR,

2025), cujo produto consistiu na criação de um curso de formação continuada, em formato assíncrono, voltado à capacitação do olhar docente e ao estímulo da autonomia na mediação crítica do cinema em sala de aula. Como continuidade, a presente proposta organiza-se como exercício de letramento audiovisual materializado na elaboração de um e-book de curtas-metragens brasileiros contemporâneos, acompanhados de fichas pedagógicas (APÊNDICE I).

A questão norteadora que orienta o estudo é a seguinte: como ampliar o repertório de materiais pedagógicos que valorizem a linguagem cinematográfica em sua complexidade, oferecendo aos professores de Sociologia subsídios para desenvolver práticas críticas, estéticas e criativas? Como resposta, apresenta-se um programa curatorial que reúne curtas-metragens selecionados por sua diversidade temática e relevância sociológica, acompanhados de fichas que articulam dados técnicos, elementos da linguagem fílmica, conexões com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e propostas abertas de mediação pedagógica.

A ausência do cinema na escola reflete um vazio que compromete a formação crítica dos estudantes. Fresquet (2013) argumenta que o cinema, ao ser incorporado à educação, estimula um novo olhar sobre o mundo, fortalece o senso coletivo em uma sociedade marcada pelo individualismo e resgata a dimensão lúdica da aprendizagem. Loureiro (2008, p. 137) acrescenta que “aprender a ler os meios audiovisuais significa aprender a interpretar a cultura contemporânea, o que, a longo prazo, implica em um entendimento mais aprofundado das relações sociais”. Além disso, a Lei nº 13.006/2014 estabelece a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, com a finalidade de promover a cultura nacional e ampliar o repertório crítico dos estudantes. Contudo, sem formação docente adequada sobre como utilizar esse recurso, sua aplicação tende a permanecer esporádica e superficial, reduzindo seu alcance educativo.

Diante desse cenário, o estudo organiza-se em três movimentos: inicialmente, apresenta-se a trajetória educacional da autora e a relação com essa proposta; em seguida, desenvolve-se a discussão teórica em torno de um programa curatorial entendido como prática de letramento audiovisual; segue para os resultados onde expõe-se o e-book elaborado, composto por curtas-metragens brasileiros contemporâneos acompanhados de fichas pedagógicas e finaliza com as considerações finais.

O objetivo central consiste em oferecer subsídios à prática docente em Sociologia, contribuindo para a construção de propostas pedagógicas que integrem o cinema de modo estruturado, crítico e estético no ensino, reafirmando a centralidade do letramento audiovisual como prática social e formativa. Ressalta-se, contudo, que a aplicação e a testagem do material produzido configuram-se como desdobramentos futuros a serem investigados, visto que, no tempo disponível para esta pesquisa, foi possível apenas sua construção e organização em formato de e-book.

## 2 TRAJETÓRIA DOCENTE E EMERGÊNCIA DA CURADORIA FÍLMICA

Minha trajetória como professora de Sociologia no Ensino Médio, iniciada em 2014, foi fundamental para a construção do objeto de pesquisa que desenvolvo atualmente. Desde o início da docência, percebi no cinema não apenas um recurso de engajamento, mas uma linguagem capaz de mediar processos de aprendizagem e de fomentar debates críticos. Naquele período as salas de aula contavam com a chamada TV Pen drive<sup>1</sup> e exibir filmes baixados era uma prática recorrente. Um exemplo emblemático foi o uso do filme *Tarzan* (Buck e Lima, 1999) para discutir o processo de socialização: a animação, ao mesmo tempo em que captava a atenção da turma, possibilitava leituras sobre etnocentrismo, cultura, colonialismo etc., configurando-se como um primeiro gesto curatorial – ainda não nomeado assim – de selecionar uma obra e organizá-la em função de um eixo interpretativo.

Com o passar dos anos, essas TVs comuns nas escolas e os retroprojetores, foram gradualmente desaparecendo. Em muitos casos, a falta de manutenção e reposição desses equipamentos ocorreu simultaneamente à circulação de um discurso arraigado no cotidiano escolar de que assistir a um filme significaria apenas perder tempo. Esse cenário coincidiu com a diminuição do uso do audiovisual como recurso formativo e, em algumas escolas, observou-se que espaços anteriormente destinados a salas multimídia foram sendo gradualmente desativados ou perderam funcionalidade. Minha experiência como professora por meio do Processo Seletivo Simplificado (PSS)<sup>2</sup>, atuando em diferentes instituições da rede estadual, evidenciou a coexistência de realidades marcadas por desigualdades estruturais e por

---

<sup>1</sup> TVs laranja com porta USB.

<sup>2</sup> Destina-se à contratação temporária de profissionais na rede estadual de ensino.

diversidade de condições materiais e culturais de trabalho docente.

Esse quadro de fragilidade nas condições pedagógicas foi abruptamente tensionado durante a pandemia de Covid-19. A transição forçada para o ensino remoto escancarou as desigualdades digitais e a ausência histórica de políticas consistentes de formação e apoio aos professores. Como mostram Griebler, Caurio e Folmer (2023), muitos dos obstáculos enfrentados nesse período incluíram a baixa qualidade das conexões à internet, a dificuldade de concentração e a fragilidade das interações mediadas por tela. Nesse contexto, o audiovisual, que eu já reconhecia como elemento central para o ensino de Sociologia, tornou-se quase inviável, pois travamentos, falhas de áudio e instabilidades diversas comprometiam qualquer tentativa de trabalho pedagógico mais consistente com filmes e vídeos.

Paralelamente ao período posterior à pandemia, somou-se um processo que antecedia esse contexto, mas cujos efeitos se intensificaram no pós-2020: a implementação da Reforma do Ensino Médio, instituída pela MP 746/2016 e pela Lei 13.415/2017. A obrigatoriedade da disciplina de Sociologia foi gradualmente esvaziada no país e, no Paraná, a partir de 2020, o componente curricular perdeu carga horária e identidade, sendo diluído em itinerários como Governo e Cidadania. Esse movimento, conforme analisam Neves e Prokopiuk (2024), expressa uma tendência de exclusão das Ciências Humanas e de mercantilização da educação, priorizando demandas do mercado em detrimento de uma formação crítica, humanística e socialmente situada.

Em meio a essas transformações, em 2022 foi anunciada pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR) a chegada dos kits Educatron, compostos por uma TV de tela plana integrada a um computador e a uma webcam, com conexão via wi-fi. Inicialmente, em minha percepção, o equipamento parecia representar uma tentativa de recompor condições mínimas para o trabalho com o audiovisual, especialmente diante das poucas aulas destinadas à Sociologia. No entanto, a experiência prática revelou um cenário desigual. Com o passar do tempo, os equipamentos foram se deteriorando e apresentando diferentes níveis de funcionamento nas escolas. A qualidade da internet, a velocidade da conexão, as condições gerais de uso e a própria usabilidade do Educatron variavam significativamente entre as unidades. Em algumas delas, por exemplo, após alguns anos o equipamento passou a apresentar falhas de áudio, o que reduzia sua funcionalidade a praticamente exibir slides.

Esses aspectos evidenciam que a simples disponibilização de dispositivos não resolve, por si só, os problemas mais amplos relacionados à infraestrutura, à manutenção continuada e à ausência de políticas educacionais integradas. Mesmo diante de tantas barreiras, persisti na defesa do cinema como linguagem formativa. Em 2023, por exemplo, organizei com os e as estudantes uma ida à Cinemateca de Curitiba para assistir ao longa-metragem *Curitiba Zero Grau* (2012), de Eloi Pires Ferreira, vinculando o conteúdo de estratificação social. Na mesma turma, trabalhei com curtas-metragens como *Meu Corre* (2023), de Luiza Rangel, que estimularam reflexões sobre juventudes, trabalho e autonomia. Essas experiências já não eram apenas exhibições: consistiam em gestos curatoriais, nos quais a escolha e a combinação dos filmes criavam um programa pedagógico, abrindo espaço para interpretações críticas e para a imaginação sociológica.

Foi nesse movimento que ingressei no PROFSOCIO/UFPR, onde desenvolvi a dissertação *A Sociologia em Cena: Explorando o Letramento Audiovisual na Formação Continuada* (2025). O produto final consistiu em um curso de formação continuada em letramento audiovisual, articulado a um questionário diagnóstico aplicado a professores da rede estadual do Paraná. Os resultados apontaram um elemento central: embora o uso de filmes em sala de aula esteja presente na prática cotidiana dos docentes de Sociologia, essa utilização ocorre, em grande parte, dentro das possibilidades e limites impostos pelo próprio contexto escolar. Em um cenário marcado por restrições de tempo, infraestrutura insuficiente e pressões curriculares, o audiovisual tende a ser acionado de maneira normativa, sobretudo para ilustrar conteúdos previamente estabelecidos.

Essa forma de uso, ainda que legítima e funcional em muitos momentos, não favorece o desenvolvimento pleno das dimensões estética, simbólica e formativa do cinema. Em condições mais amplas de trabalho pedagógico, seria possível explorar outras camadas da linguagem cinematográfica, como enquadramentos, montagem, trilha sonora, silêncios e escolhas narrativas, compreendendo-as como produtoras de sentido social e não apenas como suporte imagético para conteúdos disciplinares.

A ausência de políticas públicas de formação e a escassez de materiais que orientem a leitura fílmica de modo sistemático reforçaram a necessidade de avançar da prática dispersa para a construção de um dispositivo curatorial. É nesse ponto que nasce o projeto atual, como desdobramento direto da dissertação: a criação de um e-book de curtas-metragens, cada um acompanhado de uma ficha pedagógica. Mais do



que indicar filmes, o e-book organiza programas curatoriais que oferecem subsídios estéticos, metodológicos e curriculares, permitindo que o professor (a) articule cinema e ensino de Sociologia de modo crítico e criativo.

As fichas, inspiradas na lógica da curadoria, não funcionam como roteiros fechados, mas como chaves de leitura que articulam sinopse pedagógica, identificação de recursos formais da linguagem cinematográfica, marcadores temáticos (juventudes, memórias, identidades, direitos humanos, territórios etc.) e sugestões abertas de uso em sala, em sintonia com a perspectiva freireana de educação como comunicação e construção coletiva de sentidos. Cada curta-metragem é posicionado em diálogo com as competências específicas da BNCC (2018), oferecendo respaldo institucional e ampliando o repertório pedagógico. O e-book possibilita acesso direto às obras (via YouTube) otimizando o tempo de professores e fortalecendo práticas de mediação em escolas públicas. Assim, minha trajetória profissional – marcada pela precarização estrutural, pelas lacunas formativas e pela insistência em integrar o cinema à sala de aula – converteu-se em pesquisa aplicada, capaz de propor soluções concretas. O e-book reafirma o compromisso com uma pedagogia curatorial, crítica e situada, que reconhece o audiovisual como campo de disputa simbólica e como espaço de ampliação da imaginação sociológica, contribuindo para a valorização da Sociologia na escola e para a formação continuada de professores.

### **3. PROGRAMA CURATORIAL NA EDUCAÇÃO SOCIOLÓGICA**

O cinema tem sido historicamente reconhecido por seu potencial pedagógico, especialmente na formação de públicos e na difusão cultural. No Brasil, essa percepção desaguou em políticas como a Lei nº 13.006/2014, que tornou obrigatória a exibição de filmes nacionais nas escolas. Ainda assim, o desenho de muitas iniciativas acaba por reforçar abordagens instrucionais, limitando o cinema à função de ilustração de conteúdos, quando o que está em jogo é o reconhecimento do cinema como linguagem estética e formadora. É precisamente nesse ponto que deslocamos o foco: compreender o cinema como dispositivo de experiência e de pensamento sociológico, articulando linguagem, mediação e política cultural. Entre os estudiosos que iluminam esse deslocamento, Alain Bergala (2008) propõe integrar o cinema à escola não como adereço, mas como experiência estética capaz de cultivar o gosto

— um cultivo que não se prescreve de modo normativo, mas se constrói por exposição reiterada, fruição e convivência com obras em ambientes que favoreçam o encontro sensível com as imagens. Assim como Fresquet afirma:

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. A tela de cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com o si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades (Fresquet, 2013, p 19).

Na mesma direção, Duarte e Alegria (2008) enfatizam a formação do olhar, defendendo que é preciso ensinar crianças e jovens a ver filmes de maneira crítica e sensível, ampliando critérios de julgamento estético. Ao observar que as gerações “videófilas” se relacionam com o audiovisual de modo distinto dos cinéfilos — preferindo lançamentos e tendências mais do que autorias e movimentos —, as autoras apontam a necessidade de reconfigurar práticas pedagógicas que tomem a diversidade de experiências cinematográficas como parte do processo formativo.

Essa reconfiguração encontra base conceitual na noção de *Bildung*, retomada por Macedo e Sierra (2024), que compreendem a formação como processo não linear, atravessado por ambivalências e deslocamentos, em que a arte tem papel decisivo ao forjar modos de ver, sentir e pensar. Nesse horizonte, o letramento audiovisual emerge como categoria que permite compreender o cinema não apenas como linguagem artística, mas como prática social situada. Inspirado nos Novos Estudos do Letramento (Street, 2003) e desenvolvido no Brasil por Angela Kleiman (1995) e Magda Soares (2003), esse referencial desloca o foco das habilidades técnicas para os usos sociais da linguagem em contextos específicos e atravessados por relações de poder. Letrar-se, aqui, é apropriar-se criticamente da linguagem audiovisual, produzindo sentidos a partir da experiência vivida. Essa concepção de letramento como prática social é claramente definida por Magda Soares:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente

peçoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (Soares, 2003, s.p).

Assumido nesses termos, o letramento audiovisual alinha-se ao giro decolonial proposto por Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), ao denunciar hierarquias coloniais nos regimes de saber, linguagem e subjetividade e reivindicar diversidade epistêmica. O gesto pedagógico passa a ser ético e político: descolonizar o olhar e as práticas, disputar critérios de validação e ampliar as comunidades interpretativas. Tal letramento requer competências que ultrapassam a decodificação: interpretar narrativas visuais, identificar discursos, analisar construções simbólicas e reconhecer como as imagens produzem afetos e orientam o olhar. Em chave contemporânea, Mbembe (2016) lembra que o regime das imagens participa de uma economia de indiferença e morte, na qual corpos são expostos, controlados ou invisibilizados; a crítica audiovisual, portanto, envolve leitura estética e enfrentamento dos dispositivos de poder que fabricam desigualdades. Nesse mesmo sentido, Ismail Xavier (2005) sustenta que o cinema que educa é o que faz pensar, rompendo leituras pragmáticas para ativar zonas não codificadas da experiência; a linguagem cinematográfica, aqui, torna-se “escritura do gesto”, chamando à transformação do olhar.

É nesse quadro que a curadoria ganha relevo como prática do letramento audiovisual. Tradicionalmente ligada a acervos e exposições, ela é ressignificada na pesquisa educacional como processo de construção de programas de filmes que operam como dispositivos de formação. Macedo e Sierra (2024) definem a curadoria como gesto criativo de proposição de discursos por meio da articulação entre obras, afetos e experiências; como o currículo, ela agencia visibilidades e apagamentos, legitimando autores e estéticas ou, inversamente, abrindo espaço a margens e silenciamentos. Vergara (1996) já nomeava essa inflexão como “curadoria educativa”, voltada a ativar potências da arte como ação cultural, expandindo a consciência crítica e formando o olhar.

A prática concreta reforça esse entendimento. No estudo curatorial de Macedo e Sierra (2024), sobre lesbianidades juvenis em narrativas *coming-of-age*, ou seja, histórias centradas nos processos de amadurecimento e descoberta de si na juventude, o recorte não foi pré-fixado. O programa foi sendo tecido à medida que

imagens e afetos evocavam novas associações e atraíam outras obras. Desloca-se o foco do “filme-objeto” para a experiência de leitura, na qual a curadoria se converte em prática ensaística e experimental, mobilizando o cinema como forma de pensamento e como produção de sentidos provisórios e situados. Amaranta Cesar (2020) aprofunda a dimensão política desse gesto ao concebê-lo como pedagogia das lutas, enfrentando apagamentos simbólicos e desigualdades herdadas da colonialidade; curar, nesse sentido, é intervir nos critérios de exclusão, desestabilizar universalismos e promover a descolonização do olhar.

Esse embaralhamento entre estética e política ecoa o debate curricular. Tomaz Tadeu da Silva (2016) mostra que o currículo é atravessado por disputas simbólicas e relações de poder; teorias críticas e pós-críticas expõem como escolhas curriculares selecionam saberes e silenciam outros, e estudos pós-coloniais tornam visível a persistência de epistemologias coloniais. A curadoria partilha com o currículo a agência sobre saberes e experiências, mas, orientada por uma ética do reconhecimento, abre-se à invenção de sentidos e à valorização de saberes silenciados. A desigual distribuição de repertórios, apontada por Duarte e Alegria (2008), limita a formação estética ao repetir padrões hegemônicos; isso se articula às desigualdades territoriais estudadas por Ferreira (2023), segundo as quais o lugar de residência condiciona oportunidades de fruição cultural e participação social. Em contextos de menor infraestrutura, a escola é muitas vezes o único portal para experiências artísticas, o que reforça a urgência de práticas que enfrentem tais assimetrias.

Nessa direção, Silvia Rivera Cusicanqui (2015) propõe uma sociologia da imagem que recuse o apagamento de saberes práticos e experiências não escolarizadas, sobretudo entre estudantes de origem indígena e trabalhadora. Sua aposta é uma descolonização do conhecimento que reconheça percepção, corporeidade e modos não hegemônicos de conhecer. O chamado converge com Mbembe (2016): a política das imagens é também uma política de vidas; curadoria e letramento audiovisual, aqui, operam como instrumentos de visibilidade e redistribuição simbólica, articulando saberes locais, territórios e visualidades insurgentes.

Do ponto de vista da sala de aula, tudo isso se realiza na mediação crítica. Ferraz e Furlan (2019) sustentam que o currículo deve assumir postura crítica diante das imagens, entendendo-as como práticas sociais; Soares (2003) reafirma os

letramentos como práticas situadas e atravessadas por relações de poder; inspirados em Paulo Freire, Nunes et al. (2021) propõem tratar filmes como situações-problema, que convocam diálogo e consciência. Não basta cumprir a Lei nº 13.006 ou “passar um filme”: é preciso abrir a linguagem, situar a circulação, interrogar hierarquias de visibilidade e devolver autoria aos estudantes. Nessa chave, cineclubes escolares, trilhas de exibição e programas curatoriais são laboratórios de leitura crítica e de produção de sentidos — onde o estudante passa de consumidor a autor do olhar.

Essas operações encontram a política curricular em disputa. A BNCC (2018), ao promover repertório cultural, pensamento crítico e cidadania, legitima a presença do cinema; porém, sua lógica de competências pode instrumentalizar a linguagem fílmica. O caminho é tensionar o documento por dentro, convertendo diretrizes em práticas de leitura e autoria. A imaginação sociológica de Mills (1969) ajuda a costurar os planos: conectar biografia e história, forma e contexto, estética e política. Um plano, uma trilha, um ritmo de montagem torna visível como experiências privadas são atravessadas por estruturas sociais. Aprender a ler essas operações é também aprender a ver sociologicamente.

#### **4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

A presente seção reúne os principais achados da pesquisa, articulando os dados obtidos no questionário diagnóstico com a elaboração do programa curatorial e do e-book produzido. Os resultados são apresentados em três movimentos complementares: inicialmente, retoma-se a relação entre a dissertação desenvolvida no ProfSocio/UFPR e a continuidade metodológica deste projeto; na sequência, descreve-se o processo de construção do programa curatorial *Imagens que pensam o mundo* e sua relação com as demandas identificadas entre os docentes; por fim, discutem-se as potencialidades e limites da proposta, considerando as condições reais de trabalho na escola pública e das necessidades formativas dos professores de Sociologia.

##### **4.1 Da dissertação ao programa curatorial**

Como desdobramento da dissertação *A Sociologia em Cena: Explorando o Letramento Audiovisual na Formação Continuada* (PROFSOCIO/UFPR, 2025), foi

reutilizado o mesmo questionário diagnóstico utilizado na pesquisa anterior, respondido por 28 professores da rede estadual do Paraná. Os resultados evidenciaram uma demanda recorrente: a busca por filmes que pudessem ser “encaixados” em temas específicos do currículo, conforme mostra o quadro a seguir.

QUADRO 1 – DEMANDA IDENTIFICADA NO QUESTIONÁRIO

Eixo de demanda	Exemplos de falas (resumo)	Menções
<b>Indicação/Escolha de filmes por tema do currículo</b>	“Escolher filmes para os principais conteúdos do NEM [Novo Ensino Médio]”; “Indicações e relações de filmes com os conteúdos das aulas”; “Escolha de filmes e temas”	<b>16</b>

Fonte: A Autora (2025)

Essa prática, embora compreensível diante do contexto de sobrecarga, frustração e ausência de incentivo docente, corre o risco de reduzir o cinema a mera exemplificação de conteúdos já previstos, esvaziando sua dimensão estética e formativa.

Na dissertação, essa constatação motivou a criação de um curso de formação continuada voltado a ampliar o olhar, ampliar repertórios e oferecer liberdade de escolha metodológica ao professor. O curso foi realizado em formato assíncrono, com gravações, interações em fóruns virtuais e emissão de certificados. Agora, como continuidade, este projeto busca atender àquela demanda inicial de materiais, mas de forma distinta: em vez de listas prescritivas, propõe-se a produção de fichas curatoriais que valorizam a linguagem cinematográfica e abrem espaço para mediações criativas. Ao final das indicações, disponibiliza-se o link de acesso ao curso gravado, que permanece acessível como recurso formativo complementar, ainda que sem a dinâmica interativa presente na oferta original.

#### 4.2 O programa curatorial *Imagens que pensam o mundo*

O resultado mais concreto da pesquisa é a elaboração do programa curatorial *Imagens que pensam o mundo: seis curtas-metragens para o ensino de Sociologia*. O conjunto reúne obras que abordam temas como juventudes, memória, gênero, território, desigualdade social e identidade, organizadas de modo a compor um circuito de experiências audiovisuais críticas.

A concepção desse programa curatorial foi fundamentada nos resultados do questionário diagnóstico aplicado, em 2024, a 28 docentes de Sociologia participantes do Mestrado Profissional em Sociologia (ProfSocio/UFPR). As respostas evidenciaram a necessidade de materiais de apoio, além de revelarem obstáculos recorrentes, como a falta de tempo e a ausência de referências prévias sobre cinema e educação.

Diante desse quadro, a pesquisa direcionou-se à elaboração de um e-book que centraliza, organiza e qualifica sugestões de uso dos filmes, alinhando-as às necessidades reais do trabalho docente. A proposta busca, assim, oferecer um material sistematizado que amplie repertórios e facilite a mediação pedagógica com o audiovisual na escola.

QUADRO 2 – DEMANDAS IDENTIFICADAS E COMO O PROGRAMA CURATORIAL RESPONDE

<b>Demanda identificada na análise</b>	<b>Como o Programa atende e justifica a demanda</b>
1. Busca por materiais práticos e especializados	As fichas pedagógicas funcionam como material explicativo pronto para uso, organizando informações de forma estruturada e relacionando análise e aplicação prática.
2. Falta de tempo para busca e adaptação: a maior barreira é a carga horária.	O programa contribui para otimizar o tempo docente ao realizar a curadoria de seis curtas selecionados e a elaboração das fichas, oferecendo chaves de leitura que podem ser adaptadas.
3. Necessidade de alinhamento curricular: professores precisam justificar pedagogicamente o uso do filme.	Há alinhamento com as Competências da BNCC (2018), o que permite justificar o uso pedagógico dos filmes em sala de aula.
4. Demanda por análise técnica (linguagem cinematográfica)	O material também destaca aspectos da linguagem cinematográfica.
5. Foco em temáticas específicas (étnico-raciais, gênero, etc.): há solicitações por filmes sobre cultura e questões étnico-raciais.	A curadoria contempla temáticas como juventudes, memória, gênero, território, desigualdade social e identidade, possibilitando o diálogo com debates atuais.
6. Valorização da adaptação e experiência própria: muitos professores adaptam os filmes aos seus contextos.	As fichas são apresentadas como base de apoio, abertas à adaptação e adequação conforme a realidade de cada professor.

Fonte: A Autora (2025)

Mais do que uma coletânea de filmes, trata-se de um gesto curatorial que propõe ao professor e professora um repertório metodologicamente estruturado, que valoriza tanto a dimensão estética da imagem quanto sua potência política. Esse princípio se concretiza no padrão das fichas pedagógicas, que seguem uma mesma lógica: cada uma apresenta dados técnicos do curta, uma sinopse pedagógica que conecta o enredo a questões sociológicas, a identificação de um diferencial estético da linguagem cinematográfica, marcadores temáticos que situam os possíveis eixos de debate e, por fim, uma proposta pedagógica aberta.



Na menção ao filme *Baile* (Bittar, 2019), por exemplo, a ficha destaca o uso do formato vertical 3x4 e da única cena horizontal como recurso estético, também articula o enredo a desigualdades de gênero, classe, raça e infância, e propõe uma atividade em que os estudantes elaboram ações para enfrentar problemas identificados em sua realidade. Longe de prescrever roteiros fechados, esse padrão oferece chaves de leitura adaptáveis, permitindo que cada professor acrescente outras questões observadas em sala. Assim, reafirma-se a perspectiva freireana de uma educação dialógica e situada, em que o audiovisual atua como campo de disputa simbólica e de ampliação da imaginação sociológica.

Um dos diferenciais do programa é a articulação explícita com as seis Competências Específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da BNCC (2018) para o Ensino Médio. Esse alinhamento não tem caráter prescritivo, mas busca oferecer respaldo institucional ao uso do cinema em sala de aula, evidenciando que as propostas dialogam com os referenciais curriculares vigentes. Dessa forma, o professor conta com maior segurança para integrar o audiovisual às suas práticas, fortalecendo a legitimidade do trabalho pedagógico diante da gestão escolar e dos documentos oficiais.

QUADRO 3 – CURADORIA

FILME	DIREÇÃO/AUTORIA	COMPETÊNCIA BNCC
Quem tem medo das chuvas, remoções e deslizamentos (2024)	Instituto Peregrum e UNEafro	1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
Memória Vila Zumbi (2023)	Agência Escola UFPR	2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.
Debaixo das lonas tudo é mais bonito! (2022)	Roy Rogers Fernandes Filho	3. Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
Cores e Botas (2010)	Juliane Vicente	4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades



Majur (2021)	Iris Alves Lacerda	5. Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos
Baile (2019)	Cíntia Domit Bittar	6. Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Fonte: A Autora (2025)

Cada curta é vinculado a um conjunto dessas competências, permitindo ao professor e professora legitimar sua prática dentro das diretrizes curriculares nacionais, ao mesmo tempo em que amplia o repertório crítico e estético da disciplina.

A seleção dos seis curtas-metragens que compõem o e-book partiu, em primeiro lugar, do compromisso com a valorização do cinema nacional, em consonância com a Lei nº 13.006/2014, que estabelece a obrigatoriedade da exibição de filmes brasileiros na escola básica. Além de cumprir uma determinação legal, trata-se de afirmar o cinema produzido no país como linguagem formadora e portadora de múltiplas narrativas sociais, culturais e políticas. A opção por curtas também considera a realidade das escolas, em especial a carga horária reduzida da disciplina de Sociologia, possibilitando que a exibição e a mediação crítica ocorram no tempo de uma ou duas aulas.

Nesse horizonte, as escolhas buscaram contemplar tanto a diversidade estética quanto a representatividade de grupos historicamente marginalizados. O documentário *Quem tem medo das chuvas, remoções e deslizamentos* (2024), realizado pelo Instituto Peregrum e UNEafro, foi incluído pela relevância de sua abordagem crítica, que evidencia os impactos sociais e ambientais das remoções forçadas e dos desastres urbanos. Já *Debaixo das lonas tudo é mais bonito!* (2022), de Roy Rogers Fernandes Filho, inscreve a cultura cigana na cena audiovisual, reconhecendo sua invisibilidade histórica e destacando a relevância de práticas educativas que ampliem os repertórios culturais para além dos cânones eurocentrados.

Os curtas *Cores e Botas* (2010), de Juliana Vicente, e *Baile* (2019), de Cíntia Domit Bittar, foram selecionados por sua potência em problematizar o racismo estrutural e suas implicações na ética, nos direitos humanos e no enfrentamento das injustiças sociais. As obras evidenciam como as desigualdades raciais atravessam a

infância, a juventude e a construção das identidades sociais, promovendo reflexões críticas sobre padrões de exclusão e representatividade. Ambos dialogam diretamente com a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, constituindo-se como recursos audiovisuais centrais para práticas pedagógicas voltadas à valorização da diversidade e à promoção da justiça social.

Por sua vez, *Majur* (2021), de Iris Alves Lacerda, também dialoga com a Lei nº 11.645/2008, mas no sentido de valorizar a cultura indígena e colocar em evidência a interseccionalidade<sup>3</sup> ao articular a experiência trans com a ancestralidade. A obra mostra como identidades plurais se constituem no diálogo entre tradição e contemporaneidade, favorecendo reflexões críticas sobre diversidade, direitos e reconhecimento social. Dessa forma, o conjunto de curtas selecionados responde ao duplo propósito de enriquecer o repertório estético e sociológico dos professores (as) de Sociologia e de promover uma prática pedagógica comprometida com a formação crítica, em sintonia com as diretrizes da BNCC (2018) e com os marcos legais da educação brasileira.

#### 4.3 Potencialidades e limites da proposta

Embora o programa ainda não tenha sido testado em campo devido às limitações temporais desta pesquisa, sua elaboração já representa um avanço metodológico no campo da formação docente em Sociologia. Ao oferecer um material curatorial de acesso gratuito, ancorado em princípios estéticos e críticos, o projeto contribui para suprir a ausência de políticas públicas e materiais voltados ao letramento audiovisual.

Entre as potencialidades, destacam-se: (a) a valorização de produções nacionais; (b) a articulação entre linguagem cinematográfica, BNCC (2018) e temas sociológicos contemporâneos; (c) o fortalecimento da autonomia docente, por meio de fichas abertas à adaptação. Como limites, reconhece que a ausência de testagem em contexto real impede avaliar, até o momento, o impacto do programa sobre práticas pedagógicas concretas. Ainda assim, a experiência delinea caminhos para

---

<sup>3</sup> O conceito, elaborado por Kimberlé Crenshaw nos anos 1980, permite analisar as opressões em suas intersecções, ou seja, como elas se entrelaçam na vida concreta das pessoas.

futuras pesquisas e formações continuadas, nas quais o programa poderá ser aplicado, avaliado e aprimorado em diálogo com os professores.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As considerações finais deste trabalho retomam a questão inicial que orientou a pesquisa: como ampliar o repertório de materiais pedagógicos que incorporem a linguagem cinematográfica em sua complexidade e ofereçam aos professores de Sociologia subsídios para práticas críticas, estéticas e criativas? Como resposta, foi desenvolvido um e-book de curtas-metragens brasileiros contemporâneos, acompanhado de fichas pedagógicas concebidas como um exercício autoral de letramento audiovisual, elaborado pela própria pesquisadora a partir de sua trajetória docente e das reflexões produzidas na dissertação de mestrado.

O estudo alcançou seu objetivo central ao propor um material que integra cinema e Sociologia de maneira estruturada, reafirmando o potencial do audiovisual como linguagem e como prática formativa. Entre as contribuições, destacam-se a proposição de um modelo de ficha curatorial que pode inspirar outros professores, a valorização de produções nacionais e periféricas como recurso pedagógico e a defesa de uma pedagogia que não reduz o cinema à condição de ilustração de conteúdos.

Ressalta-se, contudo, que a aplicação e a testagem do material ainda não foram realizadas, configurando desdobramentos futuros a serem investigados em pesquisas posteriores. Essa limitação decorre do tempo disponível, que concentrou os esforços na construção do repositório e na elaboração das fichas pedagógicas.

Assim, este trabalho reafirma-se como um exercício formativo da própria autora, que, ao propor práticas curatoriais e pedagógicas a partir do cinema, busca contribuir para a formação continuada de professores de Sociologia. Mais do que um produto acabado, constitui-se como uma prática de letramento audiovisual em movimento, abrindo caminhos para experiências futuras que unam crítica, estética e criatividade no espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema*. Tradução de Mônica Costa Netto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008. 210 p. (Coleção Cinema e Educação).

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 07 ago. 2025.

BRASIL. *Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014*. Obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm). Acesso em: 07 ago. 2025.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e nº 11.494, de 20 de junho de 2007, revoga dispositivos da Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016, e institui a reforma do ensino médio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. *Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico*. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *\*\*El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global\*\**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 9-23.

CESAR, A. *Conviver com o cinema: curadoria e programação como intervenção na história*. In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o Cachoeira*. Doc [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 137-156. ISBN: 978-65-5630-192-1. <https://doi.org/10.7476/9786556301921.0010>.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. *Formação Estética: Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun. 2008.

FERRAZ, Daniel de Mello; KAWACHI-FURLAN, Cláudia Jotto (orgs.). *Bate-papo com educadores linguísticos: letramentos, formação docente e criticidade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019. 268 p

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. *Um passo para trás para ver melhor a cidade: uma análise configuracional de crianças em Curitiba*. Civitas: Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 23, n. 1, e42260, 2023. DOI: 10.15448/1984-7289.2023.1.42260.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORI, Cezar. *Da Obrigatoriedade do Cinema na escola, notas para uma Reflexão sobre a lei 13.006/14*. In: FRESQUET, Adriana (org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 | Reflexões, perspectivas e propostas*. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015.

GRIEBLER, Gustavo; CAURIO, Aline Castro; FOLMER, Vanderlei. *Aulas presenciais, remotas e híbridas: o que pensam os alunos?* Revista Educar Mais, [S. l.], v. 8, p. 1-19, 2024. DOI: 10.15536/reducarmais.8.2024.4016. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.8.2024.4016>. Acesso em: 10 set. 2025.

KLEIMAN, A. B. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, A. B. (Ed.). *Os Significados do Letramento: Uma Nova Perspectiva sobre a Prática Social da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-21.

KLEIMAN, Angela B. *Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social*. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 8, p. 409-424, 2006.

LOUREIRO, Robson. *\*\*Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar\*\**. Educação & Realidade, v. 33, n. 1, p. 1-238, jan./jun. 2008.

MACEDO, Camila; SIERRA, Jamil Cabral. *Currículo e Curadoria: programas de filmes como procedimento metodológico de pesquisa entre o cinema e a educação*. Revista Brasileira de Estudos da Presença [EPERIODICO], v. 14, p. 1-26, 2024.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Arte & Ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. [123-151], dez. 2016.

MEU CORRE. Direção Luisa Rangel. Rio de Janeiro, 2023.

MILLS, C. WRIGHT. *A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA*. Tradução de Waltensir Dutra. Segunda edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

NEVES, Aline do Rocio; PROKOPIUK, Mario. *Transformações educacionais e reformas curriculares: um estudo do novo ensino médio no Paraná*. Revista Missões, v. 10, n. 2, jan.-dez. 2024.

NUNES, Ana Luiza Ruschel; SUAREZ, Adriana Rodrigues; FERREIRA, Daniele Rosa; COLMAN, Danielli Taques. *Cinema, educação e Paulo Freire: o estado do conhecimento das teses e dissertações de 2016 a 2021*. Revista Extraprensa, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 45-65, 2021.

PENAFRIA, Manuela. *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*. In: VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

RAMOS, Juliane Kelm. *A sociologia em cena: explorando o letramento audiovisual na formação continuada*. 2025. 177 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen: ensayos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015. 352 p. (Nociones Comunes / Tinta Limón; 17). ISBN 978-987-9687-10-5.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed., 8. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 156 p.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

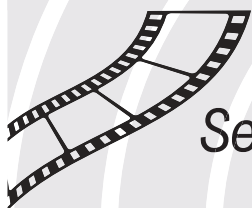
STREET, B. *Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento*. In: Teleconferência UNESCO Brasil sobre Letramento e Diversidade. Brasília: UNESCO, out. 2003.

VERGARA, Luiz Guilherme. *Curadoria Educativa: Percepção Imaginativa / Consciência do Olhar*. Texto apresentado no Encontro da ANPAP, São Paulo, 1996. (Resumo atualizado em 2011).

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

## APÊNDICE I

# FICHAS PEDAGÓGICAS DIGITAIS



*Seis indicações de filmes para  
as aulas de Sociologia*



**Juliane Kelm Ramos**



## **DADOS DA OBRA**

**ISBN:** 978-65-01-84534-0

**TÍTULO:** FICHAS PEDAGÓGICAS DIGITAIS: SEIS INDICAÇÕES DE FILMES PARA AS AULAS DE SOCIOLOGIA

**AUTORA:** JULIANE KELM RAMOS

**ANO:** 2025

**FORMATO:** LIVRO DIGITAL

**VEICULAÇÃO:** DIGITAL

## **DESCRIÇÃO DA OBRA**

MATERIAL VOLTADO A PROFESSORES E PROFESSORAS DE SOCIOLOGIA, REUNINDO SEIS INDICAÇÕES DE CURTAS-METRAGENS VINCULADOS ÀS COMPETÊNCIAS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC, 2018), ACOMPANHADOS DE FICHAS PEDAGÓGICAS COMPOSTAS POR MARCADORES TEMÁTICOS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS.

## **LICENÇA DE USO**

ESTE E-BOOK ESTÁ LICENCIADO SOB A CC BY-NC-SA 4.0. É PERMITIDA A CÓPIA, ADAPTAÇÃO E COMPARTILHAMENTO DO MATERIAL PARA FINS EDUCACIONAIS E NÃO COMERCIAIS, DESDE QUE SEJA MANTIDA A ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA.

SAIBA MAIS EM:

[HTTPS://CREATIVECOMMONS.ORG/LICENSES/BY-NC-SA/4.0/DEED.PT-BR](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt-br)

# INÍCIO

## QUEM SOU EU?



Sou a **Juliane Kelm Ramos**, professora da rede pública estadual do Paraná desde 2014. Mestre em Sociologia pelo PROFSOCIO-UFPR e licenciada em Sociologia pela PUC-PR, concluí também a segunda licenciatura em Letras. Minha trajetória profissional é dedicada à formação de educadores, com ênfase em cinema, linguagem audiovisual, mídias na educação e pedagogias críticas.

Tenho desenvolvido cursos e oficinas de letramento audiovisual, entre eles *Montando o Quebra-Cabeça: Desmontagem e Análise Fílmica* e o *Curso Assíncrono de Capacitação em Letramento Audiovisual*. Busco articular teoria e prática de forma contínua, atualizando-me e construindo propostas inovadoras para a educação.

Um exemplo desse percurso é o produto que apresento aqui, elaborado no âmbito da especialização em Mídias na Educação pela UFPR, sob orientação do Prof. Dr. Elson Faxina.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

**SEMPRE  
QUE  
APARECER  
ESTE ÍCONE,  
CLIQUE  
PARA  
ACESSAR O  
FILME  
INDICADO**



© Juliane Kelm Ramos, 2025.

# INDÍCE

Ficha 1 – Quem tem medo das chuvas, remoções e deslizamentos? \_\_\_\_\_ pág. 6

Ficha 2 – Memória Vila Zumbi \_\_\_\_\_ pág. 10

Ficha 3 – Debaixo das Lonas tudo é mais bonito! \_\_\_\_\_ pág. 14

Ficha 4 – Cores e Botas \_\_\_\_\_ pág. 18

Ficha 5 – Majur \_\_\_\_\_ pág. 22

Ficha 6 – Baile \_\_\_\_\_ pág. 26

Minha dica \_\_\_\_\_ pág. 30

Contato \_\_\_\_\_ pág. 31

Encerramento (vídeo-aulas) \_\_\_\_\_ pág. 32

## QUEM TEM MEDO DAS CHUVAS, REMOÇÕES E DESLIZAMENTOS?

### SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.



### DADOS TÉCNICOS

**WEBSÉRIE:** Racismo Ambiental: Terra, Territórios, Tecnologias

**Episódio 1:** “Quem tem medo das chuvas, remoções e deslizamentos?”

**Ano de produção:** 2024

**Duração:** 10 minutos

**Realização:** Instituto Peregrum e UNEafro

**Apoio:** Fundação Rosa Luxemburgo

### SINOPSE

O episódio mostra como o racismo ambiental empurra populações negras e periféricas para áreas de risco, onde chuvas e deslizamentos se tornam ameaças diárias diante da negligência estatal e das mudanças climáticas.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

## **QUEM TEM MEDO DAS CHUVAS, REMOÇÕES E DESLIZAMENTOS?**



### ***ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA EM DESTAQUE***

A abertura, marcada por vozes de protesto sobrepostas à narração de denúncia, cria uma atmosfera imersiva que evoca sensações de tensão e insegurança. Essa escolha sonora envolve o espectador e o aproxima da experiência cotidiana vivida pelas comunidades retratadas. Ao longo do episódio, a presença de testemunhos de moradores, com relatos sobre interdições, remoções e o medo constante da chuva, confere autenticidade e densidade emocional à narrativa, reforçando sua proximidade com o formato documental em primeira pessoa.

# QUEM TEM MEDO DAS CHUVAS, REMOÇÕES E DESLIZAMENTOS?

8



## MARCADORES TEMÁTICOS

- ☒ Racismo Ambiental
- ☒ Direito à Terra e à Moradia
- ☒ Mudanças Climáticas e Vulnerabilidade
- ☒ Desigualdade Socioespacial
- ☒ Ancestralidade e Racismo Religioso
- ☒ Juventude e Medo do Futuro
- ☒ Luta Coletiva e Resistência Comunitária

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## **QUEM TEM MEDO DAS CHUVAS, REMOÇÕES E DESLIZAMENTOS?**



### ***PROPOSTA PEDAGÓGICA ABERTA***

A sugestão é que os estudantes realizem pequenas filmagens de paisagens do município, observando como o espaço urbano e ambiental é organizado e cuidado pelo poder público. Podem ser registradas ruas, calçadas, iluminação, praças, mobiliário urbano, presença ou ausência de lixeiras e conservação de áreas públicas, sempre evitando a gravação de pessoas. Os estudantes podem ainda inserir trilha sonora ou falas em off, isto é, narrações gravadas separadamente, que expressem percepções e inquietações sobre as imagens. Depois, realiza-se a exibição coletiva das cenas.

Para facilitar a produção, os estudantes podem usar aplicativos como o CapCut.



## MEMÓRIA VILA ZUMBI

### **SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 2**

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder.



### **DADOS TÉCNICOS**

**Título:** Memória Vila Zumbi

**Episódio 2:** UFPR na sua Vida – 2ª temporada

**Ano de produção:** 2022

**Duração:** 30 min

**Realização:** Agência Escola UFPR

**Apoio:** Comunidade da Vila Zumbi dos Palmares, Programa de Desenvolvimento Urbano e Regional (PDUR), Departamento de Sociologia/UFPR

### **SINOPSE**

Há mais de três décadas, a ocupação se transformou em território e lar para muitas famílias. Nesse percurso, moradores lutaram por direitos básicos e infraestrutura, construindo o reconhecimento de seu espaço.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

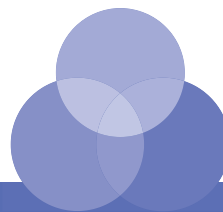
## MEMÓRIA VILA ZUMBI



### *ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA EM DESTAQUE*

O filme mostra não apenas a história da Vila Zumbi, mas também o processo de produção do documentário e das atividades de extensão, revelando o “fazer cinema” como parte da própria narrativa. A trilha sonora e os sons da comunidade criam uma atmosfera que evoca emoção, memória e pertencimento, enquanto o áudio das entrevistas privilegia a oralidade como marca central da narrativa, reforçando a autenticidade das vozes dos moradores.

## MEMÓRIA VILA ZUMBI



### MARCADORES TEMÁTICOS

- ☒ Memória e Patrimônio
- ☒ Direito à Terra e à Moradia
- ☒ Juventudes
- ☒ Educação e Universidade
- ☒ Luta Coletiva e Resistência Comunitária

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## MEMÓRIA VILA ZUMBI



### ***PROPOSTA PEDAGÓGICA ABERTA***

A proposta pedagógica pode ser construída a partir da ideia de memória como patrimônio vivo. Após a exibição do curta, os estudantes são convidados a entrevistar familiares, vizinhos ou pessoas da comunidade sobre lembranças de lutas, conquistas e transformações do bairro onde vivem. Esses relatos podem ser organizados em registros escritos, áudios, fotografias ou pequenos vídeos, compondo um acervo coletivo da turma.

O objetivo é estimular a percepção de que toda comunidade guarda histórias de resistência e pertencimento, aproximando a experiência do filme da realidade local dos estudantes. Para a realização das entrevistas e registros audiovisuais, é necessário providenciar a assinatura de um termo de consentimento dos participantes, garantindo o uso ético e responsável das imagens, vozes e narrativas coletadas.

14

# DEBAIXO DAS LONAS TUDO É MAIS BONITO!

## **SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 3**

Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.



## **DADOS TÉCNICOS**

**Título original:** Debaixo das Lonas tudo é mais bonito!

**Ano de produção:** 2022

**Duração:** 35 min

**Direção:** Roy Rogeres Fernandes Filho

## **SINOPSE**

Retrata a vida de Irisma Fernandes, “Tati, a Cigana”, artista da etnia Calon e terceira geração da família Fernandes, uma das mais tradicionais do Brasil. O filme destaca a riqueza da cultura cigana, revisitando memórias, tradições e desafios vividos em itinerância até a fixação na comunidade Umburaninha, na Bahia.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

## DEBAIXO DAS LONAS TUDO É MAIS BONITO!

### *ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA EM DESTAQUE*



O documentário é construído a partir de depoimentos em primeira pessoa, em que a voz da protagonista e de seus familiares se torna o eixo narrativo. Imagens de arquivo e fotos antigas reforçam a memória e a ancestralidade, enquanto o som e a trilha, marcados por músicas ciganas e sons do circo, evocam pertencimento e identidade cultural. Os planos próximos às pessoas e objetos pessoais, criam proximidade com o espectador, e a montagem organiza a narrativa mesclando história pessoal, memória coletiva e denúncia social.

# DEBAIXO DAS LONAS TUDO É MAIS BONITO!

## MARCADORES TEMÁTICOS

- ☒ Memória e Patrimônio
- ☒ Étnicos-raciais
- ☒ Juventudes
- ☒ Direitos Humanos
- ☒ Ancestralidade e Tradição
- ☒ Arte e Cultura Popular

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## DEBAIXO DAS LONAS TUDO É MAIS BONITO!

*PROPOSTA PEDAGÓGICA  
ABERTA*



A turma pode organizar uma apresentação em slides. Cada grupo escolhe um elemento da tradição cigana que apareceu no filme, como vestimentas, música, memórias, resistência, família ou circo, e preparar uma leitura sociológica sobre o tema. As apresentações podem ser compartilhadas em sala, estimulando o diálogo entre diferentes olhares e a valorização da diversidade cultural.



## CORES E BOTAS

### **SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 4**

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades



### **DADOS TÉCNICOS**

**Título do filme:** Cores e Botas

**Ano de produção:** 2010

**Duração:** 15 min

**Direção:** Juliana Vicente

### **SINOPSE**

O curta-metragem apresenta Joana, uma menina negra dos anos 1980 que sonha em ser Paqueta, como tantas outras de sua geração. Incentivada pela família, ela enfrenta o contraste entre o apoio recebido em casa e a ausência de representatividade na televisão, onde jamais se viu uma Paqueta negra no programa da Xuxa.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

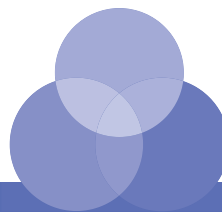
## CORES E BOTAS



### *ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA EM DESTAQUE*

A cena final, em que Joana troca as botas, marcas simbólicas de exclusão e subalternidade, pela câmera fotográfica, que representa autonomia e poder de narrar, sintetiza o sentido político do cinema. O gesto de segurar a câmera é, ao mesmo tempo, um ato de resistência e de criação. Ele expressa a conquista do controle sobre a própria imagem, a transformação do olhar e a ocupação do lugar de quem narra, enquadra e registra.

# CORES E BOTAS



## MARCADORES TEMÁTICOS

- ☒ Indústria Cultural
- ☒ Produção e consumo
- ☒ Relações de classe, raça e gênero
- ☒ Representatividade e Identidade
- ☒ Racismo Estrutural

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## CORES E BOTAS



### *PROPOSTA PEDAGÓGICA ABERTA*

A sugestão é abrir o debate: de que maneira os padrões de beleza e representatividade se relacionam com o mercado de trabalho artístico, com a lógica do consumo e com a reprodução de desigualdades sociais e do racismo estrutural? Cada grupo escolhe um contexto para aprofundar (mercado musical, esportivo, escolar, publicitário etc.), pesquisando e discutindo continuidades e mudanças nas relações entre produção, capital e trabalho.

Como síntese, os grupos organizam suas análises em uma linha do tempo, na qual você define a década inicial e o ano final (até o presente). O material pode ser intitulado "[Contexto escolhido] e Representatividade" e tem a opção de ser produzido em folha sulfite ou em modelos editáveis do Canva ([www.canva.com](http://www.canva.com)).

# MAJUR

## **SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 5**

Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos



## **DADOS TÉCNICOS**

**Título original do filme:** Majur

**Ano de produção:** 2018

**Duração:** 18 minutos

**Direção:** Íris Alves Lacerda

## **SINOPSE**

Apresenta a história de Majur Traytowu, jovem liderança Boe Bororo que inicia seu caminho para tornar-se cacica, sendo reconhecida como a primeira mulher trans nesse processo. O documentário evidencia sua luta por identidade, ancestralidade, preservação ambiental e inclusão das juventudes indígenas LGBTQIAPN+.

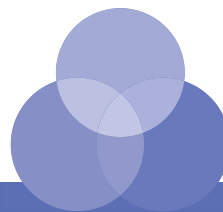
© Juliane Kelm Ramos, 2025.

## MAJUR



### *ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA EM DESTAQUE*

A montagem sonora insere áudios de Bolsonaro falando contra indígenas e LGBTQIAPN+, seguidos por depoimentos sobre violência e ausência de leis de proteção. Esse recurso cria um contraponto político, evidenciando a desconexão entre o poder e a realidade das minorias. O áudio de Mário Juruna, primeiro deputado indígena do Brasil, reforça a luta por representação e dá continuidade à crítica social do documentário.

**MAJUR****MARCADORES TEMÁTICOS**

- ☒ Identidade de Gênero e Sexualidade
- ☒ Resistência Indígena
- ☒ Direitos Humanos
- ☒ Preconceito e Violência
- ☒ Representatividade Política
- ☒ Ancestralidade e Cultura
- ☒ Juventudes Indígenas

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## MAJUR



### ***PROPOSTA PEDAGÓGICA ABERTA***

Resgatar o caso histórico de Tibira, indígena Tupinambá executado em 1614 por sua sexualidade, considerado o primeiro registro documentado de LGBTfobia no Brasil, como ponto de partida para uma reflexão coletiva. A turma discute como essa violência do período colonial dialoga com os preconceitos enfrentados por Majur hoje, identificando permanências e mudanças no tratamento de pessoas indígenas e LGBTQIAPN+.

Ao final, os estudantes selecionam termos ou ideias que sintetizem o debate e produzem uma nuvem de palavras, em sulfite ou digitalmente (ex.: [www.mentimeter.com](http://www.mentimeter.com)), representando as conexões percebidas entre passado e presente.



## BAILE

### **SUGESTÃO DE COMPETÊNCIA DA BNCC: 6**

Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.



### **DADOS TÉCNICOS**

**Título original do filme:** Baile

**Ano de produção:** 2019

**Duração:** 15 minutos

**Direção:** Cíntia Domit Bittar

**Roteiro:** Cíntia Domit Bittar

**Elenco principal:** Inês Peixoto, Ava Bittencourt, Eduarda Soares, Raquel Karro

### **SINOPSE**

Uma menina de 10 anos que, entre a mãe sobrecarregada e a bisavó fragilizada, observa o mundo com perguntas incômodas sobre gênero, classe, raça e política. O cotidiano íntimo se transforma em reflexão crítica sobre memória, cuidado e desigualdades.

© Juliane Kelm Ramos, 2025.

## BAILE

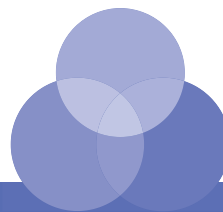


### *ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA EM DESTAQUE*

O curta foi gravado em formato 3x4 vertical (9:16), incomum no cinema tradicional, mas muito presente no universo digital, como em celulares e redes sociais. Trata-se de uma escolha estética consciente, que aproxima o espectador da linguagem cotidiana das imagens digitais.

A presença de uma única cena na horizontal cria um recurso de contraste: ao romper a lógica predominante, a diretora chama a atenção para esse momento específico, que ganha peso simbólico e amplia a reflexão proposta pelo filme.

# BAILE



## MARCADORES TEMÁTICOS

- ☒ Juventudes
- ☒ Raça, Gênero e Classe
- ☒ Memória e Patrimônio
- ☒ Direitos Humanos
- ☒ Envelhecimento e Cuidado

Mais algum? Adicione a sua observação

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

[ ] \_\_\_\_\_

## BAILE



### *PROPOSTA PEDAGÓGICA ABERTA*

É possível organizar a turma em grupos e orientá-los a escolher um dos marcadores sociais evidenciados no curta. A partir dessa escolha, cada grupo deve elaborar uma proposta prática de enfrentamento da desigualdade identificada. Essa proposta pode se concretizar em uma campanha de conscientização, em uma ação voltada à comunidade escolar ou até na sugestão de uma política pública.

Ao final, os grupos entregam a proposta em formato simples e acessível, como um cartaz, um texto curto, um slide, um vídeo breve ou uma apresentação oral. O importante é que consigam explicar a desigualdade escolhida, justificar a ação pensada e mostrar de que modo ela contribui para o enfrentamento do problema.

## MINHA DICA

Quando começo um trabalho com cinema, gosto de conversar antes, perguntar que filmes marcaram a vida dos (as) estudantes e quais personagens os fazem pensar. Às vezes descubro que muitos nunca foram ao cinema, mas consomem histórias todos os dias pelo celular.

**Conhecer o repertório cultural, as crenças e as visões de mundo da turma** ajuda a planejar com sensibilidade, prever debates e abrir espaço para o diálogo.

Percebi que o cinema **não precisa estar preso à lógica do *blockbuster***. Os filmes que trago para a sala, como os deste e-book, **abrem espaço para outras vozes e modos de ver o mundo**. São obras que **provocam, emocionam e convidam à conversa**.

Por isso, é importante explicar essa visão aos estudantes, **para que compreendem o sentido da escolha**, e passem a ver com mais abertura.

## CONTATO

Este e-book é também um espaço de trocas! Se quiser, compartilhe comigo como ele dialogou com a sua prática ou despertou novas ideias. Vamos construir uma rede de experiências!



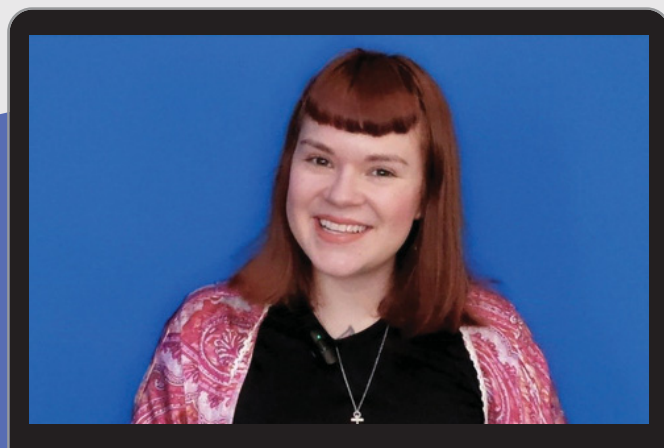
[ramoskelmjuliane@gmail.com](mailto:ramoskelmjuliane@gmail.com)



[www.linkedin.com/in/juliane-kelm-ramos-17712432a](https://www.linkedin.com/in/juliane-kelm-ramos-17712432a)

# QUER APRENDER MAIS?

*Conheça minhas vídeo-aulas  
gratuitas sobre cinema,  
desenvolvidas no Mestrado  
Profissional em Sociologia –  
PROFSOCIO/UFPR*



[VER AULAS](#)